

Diversão & Arte

Brad Pitt interpreta Jack Conrad e Diego Calva dá vida a Manuel Manny Torres, no retrato de figurões da meca do cinema

Numa escala monumental, *Babilônia*, o novo filme do mesmo diretor do premiado *La la land*, presta homenagem à era da sonorização do cinema, em produção liderada por Brad Pitt e Margot Robbie

Babilônia estampa, a cada fotograma, o esforço do investimento de US\$ 110 milhões

Damien Chazelle comanda o quarto longa da vida

Margot Robbie é a razão de ser do filme, no papel de Nellie LaRoy

Ode ao cinema de ontem e de hoje

dinossauros que “impedem” a renovação de meios de expressão como o cinema.

Celebração de mestres

Com uma estrutura à la *Nashville* (filme de Robert Altman que condensou o universo da música country, em 1975), o diretor Damien Chazelle pendente ainda para um painel monumental e estridente, avizinjado às marcas do colega Baz Luhrmann (de *Moulin Rouge* e *O grande Gatsby*). Bastante ambicioso, o diretor ainda incorpora temas do cinema longo-metragem *Birdman* (2014).

Na ilusão de reaver o sucesso, o personagem de Brad Pitt é dos mais abatidos, no prenúncio de seu fim — e ele chega a ouvir um sonoro “o seu tempo acabou”, dito por aquela que ele vê como “reles barata”: a alcoviteira da mídia Elinor (Jean Smart, em participação espetacular). Empilhando até mortes de personagens, em defesa de esforços pela sétima arte, no filme que presta homenagem ao clássico *Cantando na chuva* (1952), o diretor Damien Chazelle apela para referências de Quentin Tarantino. Personagens desbocados, orgias indescritíveis e uma galeria de tipos “desclassificados” e uma sensualidade desmedida atravessam a tela. A valorização (e os desatinos) de representantes étnicos como a oriental cantora Fay Zhu (Li Jun Li) ou o trompetista negro Sidney Palmer (Jovan Adepo) demarcam diferenças no enredo, que vêm embalado pela singular música do compositor Justin Hurwitz (premiado com o Globo de Ouro, e lembrado por *La la land*). Entre tanto alvorço e descontrolo que *Babilônia* registra, é impressionante ver o efeito das imagens de um set pausado à espera de uma câmera se movimentar.

» RICARDO DAEHN

Uma imensa e surpreendente extravagância em cinema, ao custo de US\$ 110 milhões, com esmerada rentabilidade na edição do Oscar 2023, resultou no longa-metragem *Babilônia* que, depois de toda a quietude da sétima arte no século 20. “De primeiro homem”, queria fazer um filme anterior em alto tom. Pretendemos acabar com preconceitos em cima de uma era do cinema”, comentou o diretor de *Babilônia*, Damien Chazelle, em recente evento assina do 38º aniversário de Toronto. Curiosamente, o filme estreia no Brasil, em 19 de janeiro, no mesmo dia do Festival Internacional de Chazelle.

“Em *Babilônia*, tive permissão para fazer absolutamente todos os dias no set”, comentou a atriz Margot Robbie, estrela da sétima arte que reverbera misto da trajetória real de Alma Rubens, atriz que foi dependente química, e da explosiva Joan Crawford, entre outras. De olho no sucesso, Nellie é capaz de tudo — derrama, com técnica, apenas uma lágrima numa tomada de cinema mudo; vomita entre grá-finos e se abastece com todo o tipo de droga possível.

“Ao inferno que ergueram Hollywood e estão retratados em *Babilônia*. Sai de cena a sofisticação das montagens teatrais da Broadway, apresenta-se um crescimento na demanda por artistas negros e irrompe, na tela, o nascimento do futuro bairro nobre e opulento de Bel Air, ainda

feito apenas de barro californiano, em 1926. Numa aliança imediata com Nellie LaRoy, o mexicano Manuel Torres, ao acaso se infiltra na meca do cinema. O papel rendeu uma chance a Diego Calva que, aos 30 anos, alcançou a primeira indicação ao Globo de Ouro de melhor ator em comédia. “O filme me desafiou a um nível totalmente novo (de interpretação), como num videogame”, afirmou, em meio a rasgados elogios.

Assumidamente depressivo, em alguns momentos da vida real, Diego Calva teve tudo para se entusiasmar, igualmente indicado ao astral do colega de cena, Brad Pitt, quando ele era um baterista de jazz. Acho que isso dialoga muito comigo”, afirmou Chazelle, pela interpretação de Damien Chazelle, e que vêm dos primórdios, buscar, no cotidiano, a música do dia a dia: todos deveríamos inserir no que acredita ser “mais importante do que a vida” — a lida no cinema — Manuel (Diego Calva) esbarra com o astro Jack Conrad (Pitt), ainda no auge, antes da derrocada, concomitante ao desajuste de Nellie, prejudicada pela era do cinema falado, em que tem a voz tachada de “esganada” e se entrega à jogatina desenfreada, depois de ser tida como um “animal degenerado”, entre testes com figurões, a fim de reformular carreira, com o advento do som (em cinema), Conrad ostenta um currículo de bebedeiras, mas, na mesma medida, de certa coerência. Numa das melhores cenas, ele defende a “não obstrução ao progresso” e culpa

Whiplash: Em busca da perfeição (2014)

• Estudante de jazz (Miles Teller) enfrenta os métodos desumanos do professor interpretado por J. K. Simmons (Oscar de melhor ator coadjuvante). O filme independente de Chazelle conquistou ainda prêmios na categoria de edição e mixagem de som.

La la land — Cantando estações (2016)

• Difundida como um estado de extravagância ou de faz de conta, a expressão inglesa *la la land* bem define quimeras dos protagonistas: Sebastian (Ryan Gosling), devoto do jazz, e Mia (Emma Stone) uma aspirante a atriz. O amor entre ambos poderia prejudicar a realização profissional da dupla? O filme ganhou seis prêmios Oscar, incluídos os de atriz e direção.

O primeiro homem (2018)

• O registro das agitações e dos bastidores para o futuro feito do passeio na Lua vem sem excesso de patriotismo e dá relevância à formação de Neil Armstrong (Ryan Gosling), astronauta célebre por feitos e pela frase: “Um pequeno passo para um homem, um salto gigantesco para a humanidade”.

O ENVOLVENTE CINEMA DE CHAZELLE



Whiplash: em busca da perfeição



O primeiro homem



La la land